

O PROJETO SEMIOLÓGICO SAUSSURIANO E A RECEPÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL

THE SEMIOLOGICAL SAUSSUREAN PROJECTS AND THE RECEPTION OF DISCOURSE ANALYSIS IN BRAZIL

*João Marcos Mateus KOGAWA**

Resumo: Este trabalho propõe, a partir da arqueologia foucautiana e da história das ideias linguísticas, levantar a seguinte questão: pode-se dizer que a recepção da Análise do Discurso no Brasil implica uma mesma recepção da obra de Saussure? Para investigar uma possível resposta a essa questão, tomamos, como ponto de partida, os trabalhos de Carlos Henrique de Escobar, que participou diretamente das primeiras traduções de Pêcheux no Brasil e pensou uma Ciência dos Discursos Ideológicos.

Palavras-chave: Linguística; Semiologia; Análise do Discurso.

Abstract: This paper proposes, based in the Foucault's archeology and history of linguistic ideas, to raise the following question: can we say that the reception of DA in Brazil involves a single reception of the work of Saussure? To investigate a possible answer to this question, we take as a starting point, the work of Carlos Henrique de Escobar, that participated directly in the first translations of Pêcheux in Brazil and a thought an Ideological Discourse Science's.

Keywords: Linguistics; Semiology; Discourse Analysis.

Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas. (FOUCAULT, 2000, p. 30).

Introdução

Desde sua institucionalização no Brasil, a Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) tem suscitado uma pluralidade de debates em torno da leitura de textos, sua interpretação, a relação desses textos com a História e com os sujeitos que os produzem, o vínculo entre a língua e a ideologia, entre outras questões. Esses questionamentos derivam da problematização da forma como se

* Professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP – Guarulhos). Doutor Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista/Araraquara. Contato: jmmkogawa@gmail.com.

apreende o sentido e de como ele se manifesta a partir de três eixos científicos fundamentais: a Psicanálise (teoria do sujeito), a Linguística (teoria da língua) e a História (teoria da ideologia). Embora cômicos de que é na intersecção desses três eixos teóricos que se dá o exercício da AD, por razões econômicas, deter-nos-emos no segundo ponto – ainda que o processo de produção discursivo envolva, em um mesmo movimento, a ação do sujeito na história – e na forma como se deu a leitura do “Curso de Linguística Geral” (CLG), nos anos 1960/70, no Brasil, por Carlos Henrique de Escobar. A partir daí, é possível uma comparação fundamental entre duas formas de conceber o discurso: uma à luz da Semiologia (Escobar) e outra da Linguística Estrutural (Pêcheux).

Sob essa ótica, compreendemos o trabalho de Escobar como uma recepção da AD pecheutiana no Brasil e que essa recepção apresenta algumas particularidades em relação à leitura da Linguística saussuriana. Um dos pontos centrais dessa singularidade é que a leitura do autor francês culmina na elaboração de um método analítico com procedimentos de constituição de *corpus* (sequências discursivas); Escobar, em contrapartida, empreende uma discussão em torno da relação Linguística x Semiologia que culmina na leitura filológica do “Curso de Linguística Geral”.

É importante destacar que o recorte feito aqui considera que a AD pecheutiana passou por três épocas e que nos situamos justamente na primeira época, qual seja, aquela em que Pêcheux (1997) estava envolvido com a “maquinaria discursiva”. A comparação entre a forma com que Escobar e Pêcheux pensam uma teoria do discurso de base marxista remete ao que afirma Courtine em uma entrevista concedida a Silvia Nigara (2010, p. 8):

[...] havia duas coisas originais no discurso: de uma parte, tinha o que se chamava “as condições de produção”, e é aí que era necessário compreender os determinantes históricos de um *corpus*, e depois tinha o trabalho formal sobre o texto, e é o estabelecimento da relação entre os dois que fazia a Análise do Discurso. O que eu vi, é que a primeira parte deste trabalho foi progressivamente abandonada e que a segunda se reforçou consideravelmente de uma forma ou de outra: fio do discurso, conectores, sintaxe... em todo caso, eu, eu me

dei conta, bem depois, que era mais a primeira parte da AD que me interessava¹. (Tradução nossa)

A citação acima nos dá indícios de que, embora haja uma articulação fundamental entre língua e história, nem sempre a teoria desenvolve de forma equitativa os dois “lados da moeda”. Dessa forma, Courtine explica que, embora linguista de formação, seu lugar na AD o levou para outros lugares, o que significa um distanciamento da Linguística e a sua inscrição disciplinar no quadro da Antropologia Cultural. O trecho supracitado não apenas denota uma posição de “desconforto” de Courtine em relação ao dispositivo analítico da AD francesa, mas também nos leva a retomar seus estudos em direção à constituição de uma Semiologia Histórica. Isso se marca, na entrevista, da seguinte forma: “Eu, eu estava na história e ele, ele estava fascinado pelo paradigma linguístico chomskiano e eu não sabia onde isso ia levar². (2010, p. 5)”. O “ele” ao qual Courtine faz referência é Michel Pêcheux, que, embora criticasse a Linguística Estrutural, retira dela, na primeira época da AD, um modelo descritivo. O dispositivo linguístico pecheutiano, mais precisamente, o sintático, advém de certa leitura da obra de Saussure atravessada por certos modelos estruturalistas: “O modelo de análise do discurso de Michel Pêcheux³ [...] se apóia largamente, então, sobre a concepção harrisiana

¹ [...] il y avait deux choses originales dans le discours: il y avait d'une part ce qu'on appelait “les conditions de production”, et c'est là qu'il fallait comprendre les déterminants historiques d'un corpus, et puis il y avait le travail formel sur le texte, et c'est la mise en rapport des deux qui faisait l'analyse du discours. Ce que j'ai vu, ce que la première partie de ce travail a été progressivement lâchée et que la deuxième s'est considérablement renforcée sous une forme ou sous une autre: fil du discours, connecteurs, syntaxe... em tout cas, moi, je me suis rendu compte, bien après coup, que c'était plutôt la première partie de l'AD qui m'intéressait. (COURTINE, no prelo).

² Moi, j'étais dans l'histoire et lui, il était fasciné par le paradigme linguistique chomskyen et je ne savais pas où ça allait mener.

³ Ressaltamos, mais uma vez, que tomamos apenas a primeira época da Análise do Discurso. Reconhecemos que, posteriormente, Pêcheux reformula várias questões que levam ao fim da máquina discursiva, à problematização da ideia de que o discurso é sempre paráfrase, entre outras categorias.

de um ‘além da frase’ supostamente sensível à abordagem distribucional do estruturalismo americano⁴” (PUECH, 2005, p. 105).

Em relação à leitura da Linguística saussuriana, no Brasil dos anos 1960/70, mesmo com a recepção de “Análise Automática do Discurso” – texto inaugural da AD na França –, a leitura feita do “CLG” é de outra ordem: trata-se de ler Saussure sob a ótica da preeminência do projeto semiológico (a Linguística como parte de uma ciência que a enquadra e que se interessa pela produção/circulação dos signos na sociedade). Sob essa ótica, mesmo partindo de Pêcheux para pensar uma teoria do discurso, Escobar empreende outra leitura do “CLG” a partir das fontes manuscritas e do estudo sobre os anagramas. Poderíamos dizer que, como Courtine, era do lado das “condições de produção” que Escobar se situava, mais do que do lado da análise formal dos textos.

A partir da recepção de Pêcheux por Escobar – e das diferentes leituras que ambos fazem de Saussure – consideramos que se tratam de duas teorias do discurso muito próximas que se constituem a partir de duas formas de se receber a obra de Saussure: a leitura inicial de Pêcheux, por ter uma fase rigorosamente analítica na qual se constituem as sequências discursivas, culmina na elaboração de um modelo sintático-distribucional informatizado. Em contrapartida, a leitura de Escobar, é menos uma preocupação analítica do que epistemológica. Mesmo porque, a metodologia em torno da informática era não apenas uma questão epistemológica, mas também de obstáculo histórico. No momento de recepção em questão, não havia, no Brasil, a tecnologia computacional necessária ao desenvolvimento do modelo automático pecheutiano. A não-elaboração de um modelo de análise nem de constituição de *corpus* discursivo, dá lugar a uma leitura filológica da obra de Saussure a partir da comparação do “CLG” com outras fontes. Sob essa ótica, o “CLG” é, para Escobar (1973b), um texto que precisa ser revisto, corrigido e completado a partir de textos que o próprio Saussure escreveu. Esse processo de leitura da falta resulta na conclusão de que é antes a Semiologia à fundação da Linguística a grande preocupação

⁴ Le projet d’analyse automatique du discours de M. Pêcheux [...] s’appuie largement alors sur la conception harrisienne d’un “au-delà” de la phrase supposé sensible à l’approche distributionnelle du structuralisme américain.

saussuriana e, a partir daí, abre-se a via para a leitura marxista do conceito de *langue* como meio de produção dos discursos.

Essa forma de leitura tem como ponto comum a proposta de leitura sintomal althusseriana, à qual Escobar e Pêcheux, cada um a seu modo, estão vinculados na virada dos anos 1960/70. Sem entrar propriamente no mérito dessa filiação althusseriana, é importante considerar que, a recepção do “CLG” pelos dois autores passa pelo crivo de uma leitura crítica que visa ao preenchimento da falta, ou seja, de algo que Saussure deixou em aberto: no caso de Pêcheux, as exclusões saussurianas (o sujeito e a história); no caso de Escobar, a negligência do caráter primordial da Semiologia em relação à Linguística que culminaria em uma teoria do discurso a partir de uma teoria do signo. Essa aceitação prévia do estatuto do “CLG” é que produz singularidades entre esses dois modelos de teoria do discurso. Segundo Cruz (2006, p. 175)

[...] Pêcheux vê nele um modelo acabado que instaura uma ruptura, representando assim um avanço científico irreversível. Não se trata, portanto, para ele, de aperfeiçoar, corrigir ou rever o *CLG*. A ordem da língua parece bem definida. A Análise do Discurso começa assim lá onde o *CLG* acaba seu programa de edificação de uma linguística da língua.

Sobre a constituição dos saberes

O saber [...] não destrói seu passado como, sem razão, se tem acreditado, ele o organiza, seleciona, o apaga, o imagina ou o idealiza, da mesma maneira que ele antecipa seu futuro sonhando enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber (AUROUX, 1989, p. 13-14, tradução nossa)⁵.

O trecho supracitado, apreendido na introdução do tomo um de “Histoire des idées linguistiques”, de Sylvain Auroux, permite evidenciar o grande paradoxo da história dos saberes: se, por um lado, um saber não destrói seu passado, por outro lado, esse passado sofre

⁵ Le savoir [...] ne détruit pas son passé comme on le croit souvent à tort, il l'organise, le choisit, l'oublie, l'imagine ou l'idéalise, de la même façon qu'il antecipe son avenir en le rêvant tandis qu'il le construit. Sans mémoire et sans projet, il n'y a tout simplement pas de savoir (AUROUX, 1989, p. 13-14).

alterações. Há um confronto – marcado por inversões e deslocamentos – que faz os saberes perpetuarem-se ao mesmo tempo em que se configuram de formas diferentes.

Ao pensarmos essa diferença, reconhecemos um presente que difere de seus antecedentes e um começo estranhamente familiar, distinto do que se habituou a perceber e praticar em um campo teórico. A proposta arqueológica foucaultiana permite tomar como objeto não apenas as disciplinas e/ou ciências já constituídas, mas também estágios em que determinadas relações conceituais configuram-se como condições de emergência para disciplinas futuras.

Para que se possam assinalar as descontinuidades, é necessário considerar a relação entre o que se produz em determinado momento e o que se produzia em outro, ou seja, a descontinuidade se produz na diferença entre uma atualidade e um passado. Ao tomarmos como pertinente a descontinuidade entre os trabalhos de Escobar dos anos 1960/70 e as publicações iniciais de Pêcheux, bem como a descontinuidade entre o que se passa em torno de uma Ciência dos Discursos Ideológicos e a AD que se disciplinariza no Brasil⁶ a partir do início dos anos 1980, pressupomos que esses paradigmas sejam comparáveis. A identidade de um campo se define pela diferença inerente aos momentos pelos quais passa a teoria e a recorrência de certas relações conceituais que se mantêm e que permitem a operacionalização da descontinuidade.

No que concerne a pensar as décadas de 1960/70 como o momento de recepção da obra de Pêcheux e, por extensão, de Saussure, a arqueologia do saber fornece ferramentas para investigação da problemática da constituição de uma teoria do discurso fundamentada na re-leitura do “CLG”. O conceito de formação discursiva em Foucault permite conferirmos um lugar teórico à Ciência dos Discursos Ideológicos (CDI) proposta por Escobar (1973a; 1973b) e, a partir daí,

⁶ Ressaltamos que não é objetivo deste artigo comparar a AD que se disciplinariza no início dos anos 1980 e as propostas de Escobar dos anos 1960/70. Para uma compreensão aprofundada da história da AD como disciplina, remetemos aos trabalhos de Maria do Rosário Gregolin (2007), Carlos Piovezani (2010), Maria Cristina Leandro Ferreira (2005), Eni Orlandi (2005). No final deste trabalho, mesmo não tendo trabalhado com todos esses textos, damos a referência completa (Bibliografia consultada) deles para situar melhor o leitor.

emerge a possibilidade de comparação entre essa formação e as propostas de Pêcheux na França. Para Foucault (2004, p. 43, grifo do autor),

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”.

A noção de formação discursiva é bastante ampla em Foucault e não está vinculada, como na operacionalização feita em AD, à ideia de formação ideológica na medida em que o autor não operacionaliza o conceito de ideologia. Se pensarmos em *História da loucura*, por exemplo, temos a psiquiatria como uma formação discursiva, no interior da qual existem regras para formulação de certos enunciados sobre a loucura. No entanto, em um determinado momento da história esse objeto loucura era visto por um viés escatológico e, em outro momento, ele passa a ser visto do ponto de vista médico, ou seja, houve uma mudança de formação discursiva. O rastreamento do objeto é marcado pela sua inserção em determinados campos de saber que falam dele.

A AD e a CDI constituem-se como dispositivos de leitura e tomam, como objeto, o conceito de discurso. O ato de ler, para Escobar e Pêcheux, tem um sentido muito singular que é importante resgatar devido ao caráter político das formulações da AD. Ler era um exercício de luta; mais que isso, uma luta na teoria que ganha a forma de resistência política no campo teórico-científico: “A *leitura sintomal* é, enfim, uma *leitura-trabalho*, isto é, uma leitura que faz intervir um jogo de *ver* e *não-ver* (de presença e ausências) por onde se lê a partir da problemática. Uma *distanciação* produzida na prática pensada de uma leitura” (ESCOBAR, 1975b, p. 17, grifos do autor); ou então Pêcheux, em um texto que estabelece um diálogo/duelo com Foucault

e que pode servir como complemento à citação de Escobar acima. Se a leitura sintomal é uma leitura trabalho⁷:

No entanto, não se tratam de intervenções meramente *técnicas*: uma certa maneira de tratar os textos é inextricavelmente mesclada com uma certa maneira de fazer política. Não podemos pretender falar de discurso político sem tomar simultaneamente posição na luta de classes, pois esta tomada de posição determina na realidade a maneira de conceber as formas materiais concretas nas quais as ideias entram em luta na história⁸ (PÊCHEUX, 1990a, p. 246, grifo do autor, tradução nossa).

Re-constituir o caminho de um movimento em descontinuidade com a obra de Pêcheux, mas não em rompimento com ela, nos anos 1960/70, no Brasil, exige pensar que, se algo é dito, é possível recuperar, por meio de uma analogia relativa entre determinados textos, a memória dos modos de dizer inerentes a uma determinada prática teórica comum.

Auroux assevera que

A riqueza do historicismo não deve levar, entretanto, ao mito da incomparabilidade de conhecimentos contidos em paradigmas específicos. Os fenômenos são o que são e as estratégias cognitivas, por mais variadas que sejam, não variam ao infinito. É por isso que podemos reconhecer, para além da diversidade, as *analogias*, que é melhor considerar como analogias que afetam a relação entre as situações cognitivas e a realidade dos fenômenos⁹ [...] (AUROUX, 1989, p.16, grifo do autor, tradução nossa).

⁷ Esta citação não retrata esse diálogo/duelo, mas integra o texto que o faz (“Remontons de Foucault a Spinoza”).

⁸ Pourtant, il ne s’agit pas d’interventions purement techniques: une certaine manière de traiter les textes est inextricablement mêlée avec une certaine manière de faire de la politique. On ne peut pas prétendre parler de discours politique sans prendre simultanément position dans la lutte des classes, car cette prise de position détermine en réalité la manière de concevoir les formes matérielles concrètes sous lesquelles les “idées” entrent en lutte dans l’histoire. (PÊCHEUX, 1990a, p. 246, grifo do autor).

⁹ La richesse de l’historicisme ne doit cependant pas conduire au mythe de l’incomparabilité de connaissances enfermées dans des paradigmes spécifiques. Les phénomènes sont ce qu’ils sont et les stratégies cognitives pour multiples et différentes qu’elles soient ne varient pas à infini. C’est pourquoi on peut reconnaître, par delà la diversité, des analogies, qu’il veut mieux considérer comme des analogies

No Brasil e na França dos anos 1960/70, a leitura sintomal é um dos pontos comuns que perpassam as discussões da AD, na medida em que essa prática visava à distinção do ideológico em relação ao científico. Tanto na França como no Brasil desse momento, é importante ter em mente que estão colocadas as condições de emergência de uma teoria das ideologias para que se possa definir o que é e o que não é ciência no campo maior das ciências humanas. Antes de analisar a ideologia inerente a determinado discurso, era necessário definir o estatuto científico/ideológico desse discurso: “Ora, a leitura como prática teórica é leitura desse discurso diferencial que constitui as ciências frente à ideologia.” (ESCOBAR, 1975, p.17).

Ressaltamos que essa primeira recepção de Pêcheux (especialmente dos textos publicados sob o pseudônimo e Thomas Herbert) é puramente epistemológica. Não há a formalização de um método e a prática de constituir um *corpus* de sequências discursivas para aplicação de um dispositivo analítico-operatório. No interior dessa conjuntura epistemológica, o projeto semiológico saussuriano permite pensar a estrutura social a partir da produção/circulação dos signos e, por extensão, dos discursos que atualizam e colocam esses signos em circulação. É crucial para o trabalho de Escobar pensar a noção de discurso em uma perspectiva desvinculada de concepções linguísticas – a Linguística Estrutural apresenta-se como uma espécie de adversário teórico.

O autor brasileiro situa-se do lado da história que só pode ser compreendida por meio da produção/circulação dos discursos. Segundo Escobar, esses discursos materializam-se primordialmente na língua enquanto conceito e não enquanto entidade que se deve puramente descrever (daí a importância da Linguística científica) e em outros sistemas de signos (Semiologia Científica na qual a Linguística está inserida). Para isso, é importante o trabalho de re-leitura sintomal do projeto semiológico saussuriano para construir uma Ciência dos Discursos Ideológicos (CDI), assim como em Pêcheux a leitura da Linguística fundamenta a AD. Isso remete a uma diferença que se manifesta na AD, ou seja, ela funciona tanto como uma forma de problematização epistemológica em torno das ciências humanas quanto como dispositivo técnico para análise de tipologias discursivas. Esta

affetant le rapport entre les situations cognitives et la réalité des phénomènes [...]
(AUROUX, 1989, p.16, grifo do autor).

última característica, que deriva dos trabalhos de Pêcheux, não pode ser observada em relação à Escobar.

Escobar, um leitor de Pêcheux

A AD pecheutiana conquistou espaço, nos anos 1980, no interior da Linguística. Se retomarmos textos como *Argumentação e discurso político*, de Haquira Osakabe (1979), e os primeiros trabalhos desenvolvidos na UNICAMP – lugar em que a AD disciplinarizou-se a partir dos trabalhos de Eni Orlandi –, percebemos que esse movimento instaura a disciplina e é a partir daí que passamos a assistir a produção de trabalhos na área.

Trabalhos importantes têm sido desenvolvidos sobre a história da Análise do Discurso no Brasil enquanto disciplina. É relevante destacar que não nos orientamos nessa direção, pois, outros pesquisadores já escreveram e estão escrevendo a esse respeito com maior propriedade. É o caso, por exemplo, de Piovezani e Pachi Filho (2010, p. 55) que, além de oferecerem uma visão crítica do percurso disciplinar da AD no Brasil em relação à história francesa, também apresentam alguns autores envolvidos na escrita da história desse campo teórico tanto na França quanto no Brasil:

Neste artigo, trataremos apenas dos desenvolvimentos da AD de “descendência” francesa no Brasil, e particularmente a tradição que segue a linha de Michel Pêcheux e que se difundiu e se institucionalizou no Brasil nos anos 80. Basearemos-nos também em alguns em alguns pontos tomados direta ou indiretamente de Courtine (1986; 2005), Mالدیدیر (1990), Gregolin (2004), Ferreira (2005) e Orlandi (2005)¹⁰ (PIOVEZANI; PACHI FILHO, 2010, p. 55, tradução nossa).

Esses estudos, embora não representem exatamente o que pretendemos realizar aqui, uma vez que, como dissemos acima, não

¹⁰ Dans cet article, nous traiterons seulement des développements de l'AD de “descendance” française au Brésil, et particulièrement la tradition qui suit la lignée de Michel Pêcheux et qui s'est diffusée et institutionnalisée au Brésil dans les années 80. Aussi, nous nous baserons sur certains points pris en compte directement ou indirectement par Courtine (1986; 2005), Mالدیدیر (1990); Gregolin (2004), Ferreira (2005) et Orlandi (2005). (PIOVEZANI; PACHI FILHO, 2010, p. 55).

desenvolvemos um trabalho sobre a história da disciplina devidamente constituída e institucionalizada, nos dão algumas pistas para a construção de outro percurso possível. A partir daí, acreditamos poder desenvolver o projeto apontado por Gregolin (2007b, p. 32):

Entre 1966 e 1974 – e, portanto, durante o período da ditadura militar brasileira – Carlos Henrique de Escobar, junto com um grupo de intelectuais da esquerda militante brasileira, escreveu insistentemente pela instauração do debate das ideias althusserianas. Essa defesa tinha como objetivo esboçar um programa teórico que, assentado na leitura de Althusser-Herbert-Pêcheux, delineava uma proposta de “análise do discurso” no Brasil.

A colocação de aspas no rótulo – **“análise do discurso”** – é sintomática de algo que se situa em nível de uma problemática e não de algo dado e constituído. A esse respeito, reiteramos que as aspas da autora estão intrinsecamente ligadas ao caráter não disciplinar que essa primeira recepção de Pêcheux encerra. Entretanto, a citação acima coloca uma questão importante no que concerne à escrita da história da AD atualmente no Brasil, qual seja, a de uma mudança de terreno da disciplinarização para a recepção da teoria. Se tomarmos a ótica dos prismas de recepção, tal como o propõem Colombat; Fournier; Puech (2010), deparamo-nos com um conjunto de trabalhos desenvolvidos no Rio de Janeiro nos anos de Ditadura Militar brasileira e que giravam em torno da discussão de temas pertinentes à AD. Dentre os nomes que participavam de tais discussões podemos citar: Eduardo Portella, Sérgio Paulo Rouanet e Carlos Henrique de Escobar.

A lista de nomes não pára por aí, mas a breve enumeração acima nos dá alguma ideia de que havia um grupo, naquele momento, envolvido com as discussões francesas em torno do sujeito, do discurso e da história, ou seja, em torno dos debates e re-leituras de Marx, Saussure e Freud. A figura de Escobar destaca-se pelo fato de que, entre todos esses autores, ele pensa, tal como Pêcheux, a articulação desses três campos das ciências humanas. Sob essa ótica, este autor é de suma importância no que concerne à recepção de Pêcheux e da literatura filológica que se desenvolve a partir de 1957, com Godel, e que visa à reinterpretação do “Curso de linguística geral” à luz de outros textos de Saussure.

Naquele momento, como já afirmamos anteriormente, essa recepção culmina com o desenvolvimento de uma Ciência dos Discursos Ideológicos. Esse trabalho tinha, como pano de fundo epistemológico, três características básicas, quais sejam, a discussão dos postulados da história da ciência e da epistemologia francesas, principalmente Bachelard e Canguilhem; o olhar althusseriano sobre a obra de Marx, Saussure e Freud; a proposição, a partir da fundamentação mencionada, de uma Ciência dos Discursos Ideológicos¹¹. Como afirma Gregolin (2007b, p. 32-33):

a) A discussão sobre a história da ciência e sua epistemologia; b) essa discussão fundamenta-se na leitura althusseriana de Marx e, portanto, tem em sua base a epistemologia bachelardiana-marxista; c) a partir das leituras de Althusser e de seu grupo (principalmente Poulantzas, Balibar e Thomas Herbert-Pêcheux), propõe a constituição de uma “ciência dos discursos ideológicos”, com base no materialismo histórico, na linguística e na psicanálise. Portanto, a partir da releitura de Marx-Saussure-Freud.

A evocação da presença da tríplice aliança não tem outra razão senão mostrar que, as bases do trabalho de Escobar são as mesmas que as da AD francesa. No entanto, o desenvolvimento das teses do autor não se dá tal qual o modelo francês. E esse é um ponto importante que justifica um retorno a esse momento de recepção da teoria. A partir dos trabalhos de Courtine (2006; 2008; 2009) e do próprio Pêcheux (2007), algumas questões começam a ser colocadas em torno da semiologia¹². Em seu artigo “Papel da memória” – resultado de uma fala do autor em uma mesa redonda realizada na ENS, em 1983 – o autor de AAD-69 comenta as apresentações que foram feitas anteriormente na mesa

¹¹ Importante ressaltar que esse era também o pano de fundo dos escritos iniciais de Pêcheux.

¹² Trata-se de um modelo para pensar a língua e os outros sistemas de signo como meios de trabalho dos discursos ideológicos. Esse campo é constituído a partir da leitura do conceito de Semiologia (ciência que estudaria a circulação dos signos no seio da vida social e da qual a Linguística seria apenas uma parte), presente no “Curso de linguística geral”, à luz do marxismo althusseriano. O ganho dessa formulação no interior de uma Ciência dos Discursos Ideológicos é justamente permitir a essa ciência apreender não apenas objetos de materialidade linguística, mas também de materialidade não-linguística, como as imagens.

redonda *Linguagem e sociedade*¹³. Ele destaca a relação de suas reflexões atuais com a obra de Barthes, o que reforça a ideia de uma possibilidade de correlação entre a AD e a Semiologia.

Ao problematizar a memória, Pêcheux depara-se com a complexidade da inscrição de um acontecimento histórico em uma memória – “[...] sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador.” (PÊCHEUX, 2007, p. 50) – internamente coerente. Ao pensar na memória como algo estruturado discursivamente, é necessário considerar duas formas de inscrição que antes, pareciam sem contato: as palavras e as imagens: “Corríamos o risco então de ter discussões agradavelmente paralelas, sem ponto de contato: por exemplo, uma sobre os textos e os discursos, e outra sobre a imagem.” (PÊCHEUX, 2007, p. 49).

Voltar às décadas de 1960/70, no Brasil, levanta algumas questões como: quais as condições de possibilidade para o retorno do nome de Escobar, no campo da AD, mais de 30 anos depois do momento em que seus textos foram produzidos e publicados? Que regras de funcionamento exigiram sua saída? Que leituras eram feitas das obras de Marx, Saussure e Freud antes da abertura política brasileira? De que forma essas relações podem ser pensadas como uma recepção da AD no Brasil? Que relação poderia haver entre a Semiologia saussuriana e uma teoria do discurso? Os limites deste trabalho não permitem a exploração de todas essas questões, das quais retemos a re-leitura de Saussure e de sua Semiologia.

Inicialmente, é importante destacar que os trabalhos de Escobar não se situam no campo da Linguística. Seus escritos seguem a linha dos textos de Althusser, tanto na forma como são escritos – textos com expressões fortes como “traição”, quando o autor refere-se à edição do “CLG” em relação ao pensamento de Saussure –, quanto na proposta teórica – distinguir o jovem Saussure do Saussure maduro¹⁴. A Linguística era concebida como ciência no interior de um

¹³ Esses dados a respeito do texto de Pêcheux são dados pelo tradutor José Horta Nunes na introdução de “Papel da memória”. O título do livro, traduzido para o português coincide com o título da fala de Pêcheux, por isso, ao nos referirmos ao texto do autor francês, o título da fala vem entre aspas.

¹⁴ É o que Althusser faz a propósito da obra de Marx, ou seja, divide sua obra em textos do jovem Marx e do Marx Maduro.

continente maior: o continente da História. O fato de Escobar não estar inserido na Linguística traz consequências teórico-metodológicas que vão distinguir seu trabalho do de Pêcheux na França.

J. J. Courtine afirma que, inicialmente, a AD, no contexto francês, é uma disciplina predominantemente linguística (teorias sintáticas da frase etc.), ou seja, a relação com a História, muitas vezes, era ambígua: “A AD é, assim, um dos lugares onde a linguística encontra manifestamente a política, ainda que as modalidades desse encontro sejam, às vezes, objeto de um silêncio um pouco embaraçado ou de numerosos desvios” (COURTINE, 2006, p. 13). Parte-se da análise de textos doutrinários, mais especificamente textos políticos, para se pensar as questões sobre o discurso. Ainda que, no início, Pêcheux estivesse mais preocupado com questões relativas ao discurso científico, a preocupação com a construção de um dispositivo analítico automatizado foi um elemento fundante da AD na França.

Courtine (2006) afirma ainda que os procedimentos da AD francesa têm como objeto *corpora* pré-determinados de discurso político. Sob essa perspectiva, há, de antemão, tipologias discursivas privilegiadas (discurso socialista, discurso comunista, discurso polêmico), a partir das quais se opera o ato de leitura não subjetiva¹⁵. A leitura não-subjetivada tem como pressuposto que o leitor desinformado deve ser ensinado a ler de forma objetiva, científica.

A recepção de Pêcheux no Brasil a partir dos textos de Escobar não incorpora, como já dissemos, as questões metodológicas da Linguística estrutural pensadas por Pêcheux que, no momento de fundação representado por “AAD-69”, toma como arcabouço os trabalhos de Harris. Isso se deve ao fato de ele ter operado uma leitura diferente da obra de Saussure. Sob a ótica da teoria linguística, Pêcheux apreende Saussure na perspectiva de constituição de um método e, nesse aspecto, seu trabalho tem fortes matizes da concepção estruturalista de compreensão da linguagem. O método inicial proposto em “AAD-69” é a sintaxe distribucional. Em contrapartida, Escobar lê Saussure a partir da exegese dos textos saussurianos.

A revolução saussuriana permite a Pêcheux pensar a ciência da linguagem como campo destinado a tomar a língua em seu funcionamento e não em sua função expressiva ou comunicativa. Isso

¹⁵ O modelo automático era justamente a tentativa de empreender, com relação aos textos políticos, uma leitura desprovida de subjetividade.

significa que a língua não é uma ferramenta para o sujeito fazer-se compreender, nem tampouco uma entidade em que se deve buscar o sentido, mas o veículo mesmo dessa ilusão (a língua produz efeitos de sentido e não o sentido):

O que funciona é a *língua*, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto: a língua. Como objeto de ciência, se opõe à fala, como resíduo não-científico da análise (PÊCHEUX, 1997, p. 62, grifo do autor).

Nesse ponto – em que Pêcheux considera o corte saussuriano como possibilidade de se pensar em uma sistematização da fala e, conseqüentemente, um modelo de descrição linguística do tipo estruturalista aplicado ao discurso – Escobar, embora reconheça, como Pêcheux, a importância da bipartição saussuriana e a recusa da Linguística como ciência dos meios de expressão, quer fazer operar o conceito de corte epistemológico.

Sob essa perspectiva, Escobar dedica mais tempo de seu trabalho a explicitar a ruptura operada por Saussure – como Althusser procedeu em “A favor de Marx”. Embora Pêcheux reconheça que Saussure opera um corte epistemológico, ele não questiona a epistemologia saussuriana esboçada no “CLG” em relação a outras fontes do pensamento do genebrino. Antes, o papel de Saussure na obra do teórico francês é uma forma de vincular a revolução saussuriana a uma metodologia rigorosa fundada no distribucionalismo harrisiano. No que concerne a Escobar,

Se não nos bastou o “deslocamento conceitual” de Saussure, isto é, sua recusa de uma linguística dos “meios de expressão” para uma linguística como teoria, e teoria do *sistema* de língua, é porque nossa *leitura* mesma de Saussure aprofundou-se até aquilo que chamamos de uma *problemática saussuriana*, escondida para a sensibilidade dos linguistas (ESCOBAR, 1973a, p.14, grifos do autor).

São justamente as proposições vinculadas à Linguística estrutural, presentes no primeiro momento da obra de Pêcheux enquanto método, que estão ausentes em Escobar. Evidentemente, não tratamos essa questão como deficiência ou falta, mas como um sintoma

de que, de fato, as duas propostas lidam com diferentes Saussures. No entanto, mesmo com essa diferença, encontram-se as bases althussero-bachelardianas na recorrência da noção de corte epistemológico tanto em Pêcheux quanto em Escobar. O ponto de discordância é a formulação – no caso de Pêcheux – ou não – no caso de Escobar – de um método estrutural de análise linguística nesse momento.

Isso implica diretamente no procedimento posterior à elaboração epistemológica que é, justamente, a constituição de um *corpus* para análise. Courtine (2006) define a AD pecheutiana como uma forma de ler os textos políticos a partir da constituição de dispositivos de análise linguística com o objetivo de ensinar os leitores a interpretar. O resultado desse procedimento analítico é a homogeneização do *corpus*, ou seja, elimina-se toda forma de heterogeneidade ou de possibilidade de atravessamento de um discurso sobre o outro. Após uma crítica à noção de discurso que, ora parece gramaticalizado, ora sociologizado, Courtine (2006, p. 26, grifos do autor) retoma de forma crítica o projeto inicial da AD fundada no distribucionalismo:

Mas não se saberia indefinidamente analisá-lo a partir do único projeto de Harris. É hora de fazer as contas do que se perdeu com a redução distribucional e com o privilégio que ela dá às representações em domínio vertical que constituem *listas* e *tabelas*.

Não descartamos o fato de que a abordagem harrisiana não permaneceu até o final das formulações pecheutianas. Tampouco, esse modelo foi fixado com vigor no Brasil, mesmo posteriormente ao período que nos interessa mais de perto (virada dos anos 1960/70).

Osakabe problematiza – na mesma direção de Courtine (2006) –, no final dos anos 1970, dois textos de grandes pensadores da AD na França, quais sejam, Maldidier e Robin (“Polémique idéologique et affrontement discursif em 1776: les grands édits de Turgot et les remontrances du Parlement de Paris”) e o próprio Pêcheux, em texto publicado em co-autoria com Wesseliuss (“A propos du Mouvement Étudiant et des luttes de la classe ouvrière: 3 organisations étudiantes en 1968”) justamente porque se valem do método harrisiano: “[...] o método de Harris parece não dar conta também daquilo que, com Benveniste, se considera a característica fundamental do discurso: a relação de pessoa que nele se estabelece.” (OSAKABE, 1979, p. 31).

Pêcheux era apaixonado pelas máquinas e o método harrisiano, por não fazer apelo a explicitações contextuais ou semânticas, era uma via apropriada para o tratamento algorítmico:

Do dispositivo da AAD 69 às “máquinas paradoxais”, a reflexão sobre os algoritmos tinha sido sempre ligada à teoria. A informática não representava para Michel Pêcheux um setor “ao lado”, uma “curiosidade”. O recurso à informática se inscrevia no interior de um pensamento político (MALDIDIER, 2003, p. 94).

Isso coloca outro problema na medida em que a fase analítica dialoga pouco com a teoria do discurso. O trabalho de tese de Courtine inscreve-se justamente nessa falta: “Nós nos esforçaremos em mostrar que a *prática de análise* de Pêcheux contradiz, na constituição de *corpora* submetidos ao tratamento AAD, a *concepção teórica que ele elaborou*.” (COURTINE, 2009, p. 76-77, grifos do autor).

Retomando o conceito de enunciado em Foucault, Courtine (2009) critica o tratamento informatizado na medida em que ele representa uma discrepância entre teoria do discurso e a análise propriamente dita. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163) reconhecem a deficiência entre a abordagem linguística e a teoria do discurso:

Parece-nos que as observações, interpretações, críticas ou mesmo deformações que suscitaram nestes dois níveis precisam de uma reformulação de conjunto, visando a eliminar certas ambiguidades, retificar certos erros, constatar certas dificuldades não-resolvidas e, ao mesmo tempo, indicar as bases para uma nova formulação da questão, à luz dos desenvolvimentos mais recentes, frequentemente não-publicados, da reflexão sobre a relação entre a linguística e a teoria do discurso.

Courtine (2009, p. 84, grifo do autor) avança nessa direção e tenta responder a esse descompasso. Para isso, como dissemos anteriormente, ele retoma a definição de enunciado em Foucault:

[...] o que define o enunciado na *Arqueologia* é o que o distingue das unidades que articulam os respectivos objetos da lógica, da gramática, ou da Escola Analítica: o enunciado não é a proposição, nem a frase, nem o ato de linguagem [...]

O tratamento automatizado e o procedimento de constituição de *corpus* a partir das condições de produção dos textos políticos não vieram para o Brasil na virada dos anos 1960/70¹⁶. Com efeito, fundamentado em Bachelard, Escobar defende que o racionalismo científico não está atrelado apenas a argumentos puramente matemáticos ou informatizados: “Uma ciência é ciência no seu *objeto de conhecimento* e não no papel que a matemática e a lógica nela cumprem, complementarmente.” (ESCOBAR, 1971, p. 98, grifo do autor) Isso leva Escobar (1973a, p. 14-15) a afirmar que “[...] nossa recusa da linguística como ‘meios de expressão’ não nos situa na meia-verdade do sistema de língua da linguística estruturalista”.

Sob esse prisma, é importante, até aqui, retomar e resumir o ponto divergente entre a AAD – início da AD na França – e a Ciência dos Discursos Ideológicos de Escobar no Brasil do final dos anos 1960/70: embora os dois estivessem empenhados em discutir a diferença entre ciência e ideologia – base da AD e da CDI, portanto, ponto comum – as vias para chegar a essa diferenciação são diferentes: em Pêcheux, a construção de um dispositivo lógico/matemático/informatizado; em Escobar, a discussão teórica a respeito do científico e a operacionalização constante da noção de corte epistemológico. O trabalho de Escobar, a esse título, pode ser resumido pelo seguinte:

As ciências regionais da ciência da história se organizam no sentido de produzirem os conceitos destes objetos diferenciados, que no entanto se reúnem ao nível das questões (do espaço das questões) que uma ciência dos discursos ideológicos já produz (pelo menos entre nós brasileiros). Se, como tudo parece indicar, os nomes de Marx, Freud, Nietzsche e Saussure parecem encontrar-se nos “começos” desta ciência regional e portanto da preocupação pelas “manifestações mais simples” dos agentes sociais, por outro lado cabe explicitar (na forma de uma *releitura*) o estatuto teórico preciso das “ciências” que estes autores produziram (ESCOBAR, 1971, p. 92, grifo do autor).

¹⁶ Isso é uma particularidade da AD instituída no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ainda que, nesse momento, a análise automática também não tenha sido incorporada.

Gregolin (2007) – retomando Pavel (1988) – aponta para três tipos de estruturalismo: o moderado, o cientificista e o especulativo. O primeiro deles realiza apenas uma aproximação com a linguística estrutural. O segundo tipo é o que mais se utiliza do estruturalismo na crença de que a linguística fornece a metodologia para as ciências humanas. O terceiro situa-se no âmbito dos trabalhos filosóficos e ideológicos. Sob essa perspectiva, e também reconhecendo, como Gregolin (2007), que as rotulações podem reduzir a amplitude de um pensamento, consideramos que Pêcheux oscila, no que tange à construção do método, entre um estruturalismo cientificista – na medida em que o método AAD é uma tentativa de realização do máximo de objetividade na leitura de textos – e um estruturalismo especulativo – na medida em que seus trabalhos propõem-se a serem intervenções na luta política e discussões em torno da diferença entre o científico e o ideológico. Escobar, por sua vez, pode ser pensado no interior do estruturalismo especulativo, haja vista que ele não se utiliza de uma metodologia linguística formalizada. Enquanto Pêcheux tomava os avanços da Linguística estrutural, Escobar re-colocava a questão do projeto semiológico saussuriano que, para alguns estudiosos, é a via de acesso à uma abordagem do sentido por meio dos princípios do arbitrário e do valor:

[...] é a partir da óptica semiológica que, na ampla e brilhante introdução que se estendeu até o fim do mês de janeiro, ele expõe os grandes princípios, trazendo à luz aquilo que denomina “natureza essencial” da língua: o arbitrário, o caráter diferencial e sintético dos signos, o princípio do valor (BOUQUET, 2000, p. 160).

Em outro subcapítulo, Bouquet (2000, p. 280) continua o raciocínio:

Podemos dizer, face à sua teoria sintagmática do valor, que, devido à não-elaboração da noção de “fala” (ou de “discurso”), Saussure deixou, em seu programa, de colocar conceitos epistemológicos que permitiriam teorias da competência sintática, da pragmática linguística ou da análise do discurso? Ao contrário: seu conceito de “valor *in praesentia*” delineia o programa dessas linguísticas.

Pêcheux (1997) discute a dupla definição que Saussure dá à língua. Por um lado, ela é a parte social da linguagem, exterior ao

indivíduo. Por outro, ela é uma instituição social que se distingue de outras instituições políticas e jurídicas, sendo o mais importante sistema semiológico. Para o autor de AAD-69, a língua funda-se sobre duas exclusões teóricas: “[...] a exclusão da *fala* no inacessível da ciência linguística; a exclusão das *instituições* ‘*não semiológicas*’ para fora da zona de pertinência da ciência linguística.” (PÊCHEUX, 1997, p. 71, grifos do autor).

Do lado da fala, a Linguística deixa um “resíduo” representado pelo sujeito livre. A oposição entre língua e fala sugere que, do lado oposto ao sistema, encontra-se o sujeito dotado de intenções: “[...] a fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*,” (PÊCHEUX, 1997, p. 71, grifos do autor) Essa crítica à primeira exclusão saussuriana corrobora a constituição de uma abordagem linguística ao nível da frase. Retomamos o que dissemos anteriormente: é com vistas à constituição de um método de abordagem linguística que Pêcheux lê Saussure.

O autor pretende justificar a recolocação do conceito de fala como algo que é social e sistemático e não puramente individual. O estudo sistemático pode atingir o nível da frase, constantemente associada, pela maior possibilidade combinatória que ela possui em relação aos morfemas e fonemas, à fala, ou seja, se a fala não é individual, mas sistemática e social, e a frase é a representante da fala, então é possível uma linguística científica a partir da frase:

Ora, os desenvolvimentos recentes de certas pesquisas linguísticas (e, antes de tudo, o aparecimento das gramáticas gerativas) parecem estender esse limite e tendem a constituir uma *teoria linguística da frase*, sem, no entanto, sair do sistema da língua [...] (PÊCHEUX, 1997, p. 72, grifo do autor).

O argumento de que se pode constituir uma teoria linguística da frase sem sair do sistema da língua pressupõe a existência da crença de que a frase está fora do sistema – argumento contra o qual Pêcheux se posiciona. Essa recolocação da fala justifica uma abordagem linguística em nível sintático (PÊCHEUX, 1997) – instância das “coerções universais” – operando uma mudança de terreno. Esse procedimento permite pensar a frase como unidade material do discurso e, posteriormente, o discurso como um processo de produção relacionado linguisticamente à história.

Feitas essas considerações teóricas, Pêcheux parte para a crítica da noção saussuriana de instituição. Ao comparar a língua com as outras instituições, Saussure define aquela como a única que não foi estabelecida como meio para um fim, em detrimento destas últimas. Embora não reprove a importância de Saussure por isso, Pêcheux (1997) afirma que o genebrino teria ignorado a definição que sociólogos do seu tempo teriam proposto: “[...] as normas dos comportamentos sociais não são mais transparentes a seus autores do que as normas da língua o são para o locutor [...].” (PÊCHEUX, 1997, p. 76).

Isso significa que a instituição é um fator impositivo – como nas regras da língua – do qual é possível descrever o funcionamento. É dessa reflexão a respeito da não transparência da instituição que deriva, em 1969, a noção de condições de produção. Isso acarreta consequências para a produção do discurso na medida em que, a cada processo discursivo, existem fatores condicionantes não controláveis.

A liberdade do locutor entra em choque também com o funcionamento da própria instituição e não apenas com as regras da língua. A cada manifestação de discurso, o sujeito insere-se em determinado lugar institucional e ideológico. Nesse lugar são atualizados jogos de forças a partir dos quais se produzem efeitos de sentido. Além disso, o discurso está fundamentado no que Pêcheux denomina discurso prévio, ou seja, existe uma matéria-prima discursiva sobre a qual é possível atualizar o sentido e evocar certos acontecimentos:

[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

O conceito de condições de produção é capital para a AD e, mais que isso, é de natureza operacional. Ele não se origina, em Pêcheux, apenas da re-leitura de Saussure. Courtine (2009) mostra-nos uma tripla origem: a análise de conteúdo – “A noção de CP origina-se inicialmente da *análise de conteúdo* [...].” (COURTINE, 2009, p. 45) –, a sociolinguística – “[...] a respeito da qual convém acrescentar que

seu papel é o de uma origem indireta” (COURTINE, 2009, p. 46) – e Harris – “É no texto de Harris (1952), *Discourse Analysis*, que se situa a terceira origem da noção de CP do discurso.” (COURTINE, 2009, p. 46).

Não pretendemos delinear as origens do conceito de condições de produção, mas mostrar que está associado a embates teóricos de diversas naturezas. Contudo, o ponto unificador dessa noção é que ela funciona como categoria operacionalizável – vai funcionar na constituição dos enunciados verbais a serem analisados – e serve como ponte entre o linguístico e o histórico.

A teoria do discurso que se configura no Brasil dos anos 1960/70 com os trabalhos de Escobar postula que

Os discursos são linguagens e ordens que produzem-reproduzem a história mobilizando meios de trabalho linguístico-semiológicos – eles mesmos histórico-ideológicos – e força de trabalho intelectual. A análise interna dos discursos é a análise de um processo de trabalho discursivo e, portanto, análise externa que se abre às dimensões do inconsciente histórico, dos meios de trabalho semiológico, dos discursos jurídico-políticos na EE (estrutura elaborada), etc. O processo de trabalho discursivo-ideológico, como meio por onde se analisam os discursos, não tem nada a ver com a análise interna propugnada pelo estruturalismo linguístico (ESCOBAR, 1975a, p. 9).

Essa definição do que representa discurso para Escobar, é sintomática de uma sintonia entre os trabalhos do brasileiro e os trabalhos que se desenvolviam na França por Pêcheux e seu grupo. Como já dissemos, a discussão que se desenvolve no Brasil em torno da Semiologia não coincide com as proposições de Pêcheux e a sistematização/operacionalização do conceito de condições de produção em torno de uma abordagem sintática dos processos discursivos também não se configura.

Enquanto Pêcheux pouco se detém sobre a questão da Semiologia naquele momento – valendo-se dela em poucas páginas de AAD-69 – Escobar aprofunda-se ao máximo nessa questão. Isso se materializa na leitura quase exegética do *Cours* a partir de *Sources manuscrites* e dos *Anagramas*:

São os trabalhos críticos e explanatórios de Robert Godel, Tullio de Mauro e, recentemente, J. Starobinski que problematizam melhor este conteúdo e esta forma expositória dos cursos ministrados por Saussure de 1907 a 1911. [...] A relação de importância entre o conteúdo dos 3 cursos registrados nos cadernos dos alunos (L. Caille, L. Gautier, Paul Regard, A. Sechehayé, George Dégallier, Francis Joseph e A. Riedlinger) e o pensamento maduro de Saussure não são, segundo achamos, aspectos que coincidam (ESCOBAR, 1973a, p. 19).

A citação acima denota a preocupação de Escobar em adentrar o campo dos estudos filológicos de Saussure. Essa diferença, no entanto, não impossibilitará o autor brasileiro de dizer:

[...] isso não deve aparentar uma dispersão e multiplicação desnecessária do trabalho teórico, pois se trata de todo um corpo teórico novo que a análise dos discursos subentende. A tudo isso chamamos condições de produção do discurso, como o fazem na França M. Pêcheux e Regine Robin (ESCOBAR, 1975a, p. 10).

Embora não operacionalizado, o conceito de condições de produção do discurso, bem como sua relação filial ao pensamento de Pêcheux, são reconhecidos no Brasil nos anos 1960/70. A diferença é a forma como os dois autores justificam esse conceito e reclamam o papel de Saussure em suas bases. Dessa forma, o mesmo conceito deve ser interpretado à luz de interesses teóricos distintos: Pêcheux, pela constituição de um método automatizado a partir da Linguística via marxismo; Escobar, pela epistemologia saussuriana por meio da leitura sintomal/exegética do “CLG”.

Conclusão

Procuramos mostrar que Escobar, além de leitor assíduo e informado dos trabalhos exegéticos da obra de Saussure, representa um momento importante da recepção da obra de Pêcheux no Brasil. Isso pode ser visto a partir de alguns pontos que discutimos acima: 1) a relação do autor brasileiro com os trabalhos críticos de Tullio de Mauro e Robert Godel que leva a uma posição crítica em relação ao estatuto do “CLG” como representante do pensamento de Saussure. A esse título, essa forma de leitura aproxima-se da forma com que alguns

autores atuais tratam o “CLG”, tais como Simon Bouquet. 2) a reivindicação de pertencimento aos trabalhos de Pêcheux e Regine Robin (ESCOBAR, 1975a).

Dessa forma, seus postulados estão em consonância com os trabalhos que se desenvolviam na França o que leva à recorrência constante de conceitos fundamentais para a AD: discurso, condições de produção e formação discursiva. Embora, em AAD-69, Pêcheux ainda não formule o conceito de FD, Escobar afirma que seu projeto é “Constituir os elementos teóricos de uma *teoria geral* capaz de fornecer as condições para a análise das ‘formações discursivas.’” (ESCOBAR, 1972b, p.38, grifo do autor); “[...] como explicam epistemólogos do porte de um Gaston Bachelard, G. Canguilhem, F. Renault, **M. Pêcheux**, etc.” (ESCOBAR, 1972a, p. 59, grifo nosso).

Do ponto de vista puramente epistemológico, a AD pecheutiana, embora esteja em descontinuidade com o movimento de Escobar nos anos 1960/70, não significa uma ruptura com esse movimento. Essa tese é reforçada pelo fato de que várias questões colocadas por aquele movimento podem ser retomadas atualmente no interior da Análise do Discurso e nos estudos sobre a recepção da obra de Saussure.

Referências

AUROUX, Sylvain. *Histoire des idées linguistiques: la naissance des metalangages en Orient en Occident*. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

COURTINE, Jean Jacques Un entretien avec Jean-Jacques Courtine sur son parcours scientifique, sur la notion de “discours” et sur le “corps” comme objet d’étude. Depoiment, 2010. *Organon*. Entrevista concedida a Silvia Nugara.

_____. Qual via para a Análise do Discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. No prelo. Entrevista concedida a João Kogawa.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Christina de Campos Velho Birck *et al.* São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

_____. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: COURTINE, Jean Jacques *et al.* *História do Corpo vol. III*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

CRUZ, Márcio Alexandre. *O Saussurismo e a escola francesa de Análise do Discurso: ruptura ou continuidade?* 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

ESCOBAR, Carlos Henrique Introdução. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org.). *Semiologia e linguística hoje*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975a. p. 1-15.

_____. *As ciências e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.

_____. Categorias gerais para um enfoque dos discursos ideológicos. In: *Revista Tempo Brasileiro* 32. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1973a. p. 64-75.

_____. *Proposições para uma Semiologia e uma Linguística: uma nova leitura de F. de Saussure*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1973b.

_____. Leitura de Saussure: proposições semiológicas. In: *Revista Tempo Brasileiro* 29. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972a. p. 45-68.

_____. Uma filosofia dos discursos: uma ciência dos discursos ideológicos. In: *Revista Tempo Brasileiro* 31/31. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972b. p. 37-78.

_____. As leituras e a leitura prático-teórica. In: BAETA NEVES, L. F. (Org.). *Epistemologia e teoria da ciência*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 87-160.

FOUCAULT, Michel *A ordem do discurso*. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani *et al.* Campinas: Unicamp, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, Denise. *L'Inquietude du Discours*. France: Éditions des Cendres, 1990a. p. 245-260.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-57.

_____. Le discours: structure ou événement. In: MALDIDIER, D. *L'Inquietude du Discours*. France: Éditions des Cendres, 1990b. p. 303-323.

PIOVEZANI, Carlos. PACHI FILHO, Fernando. “As ideias fora do lugar” *une histoire des enjeux du développement de l'analyse du discours (française) au Brésil*. SEMEN 29, Paris: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2010. p. 53-66

PUESCH, Christian. L'émergence de la notion de “discours” en France et les destins du Saussurisme. *Langages* 159. Paris, 2005. p. 93-110. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-langages-2005->>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de A. Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 2002.

Bibliografia consultada

COURTINE, Jean Jacques; HAROCHE, Claudine. *Histoire du visage: exprimer et taire ses émotions*. Paris: Payot, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. “O quadro atual da análise do discurso no Brasil: um breve preâmbulo.” In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.) *Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 13-22.

ORLANDI, Eni. “A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.” In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.) *Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 75-88.

_____. ORLANDI, Eni. (Org.) *Análise do discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.

PIOVEZANI, Carlos.; SARGENTINI, Vanice. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em 31/08/2013

Aceito em 15/10/2013